

A MORTE, O CONDE, E O VASSALO

de

Nuno Sá Pessoa

Princípio do século XX, a disparidade entre classes sociais é acentuada e num palácio de Cascais vive um poderoso magnata, o CONDE BRAZ NOGUEIRA.

Havia herdado uma fortuna fruto da sua brazonada linhagem familiar, durante a sua vida o seu génio e fome insaciável por mais levava-o a expandir o seu império ao nível das mais poderosas famílias do reinado de Portugal, mas com o novo século, fortes mudanças começavam a tomar lugar, e os poderes há muito instituídos começavam a tremer, nomeadamente a monarquia.

Paralelamente a estes acontecimentos também a saúde do conde havia tremido recentemente, o seu final e o final da monarquia estavam próximos, mas a sua vontade cega de continuar a crescer continuava intacta como sempre.

INT. SALA - NOITE

MARIA, a empregada do Conde acende a lareira da imponente sala, nela, os quadros dos seus ilustres antepassados fazem-lhe companhia todas as noites, esta é uma das poucas genuínas companhias que mantém, nunca havia casado fruto da sua obsessão com o trabalho e não tinha descendência, o tempo era dinheiro, e foi no dinheiro que sempre investira o seu tempo. Família, amigos, ou amor, tudo isso eram futilidades para si, adereços desnecessários face à grandeza dos seus negócios, vivia o presente com o olho no amanhã e nunca dera um passo em falso.

O Conde está sentado na sua poltrona e olha as labaredas da lareira.

Após acender a lareira, Maria levanta-se e fica em pé ao lado do Conde.

MIGUEL, o músico pessoal do Conde toca no órgão ao fundo da sala.

Na mão do Conde está uma bíblia.

MARIA

Precisa de mais alguma coisa, senhor?

CONDE

Sim, diz-me, o que é que acontece depois da morte?

MARIA

Depois da morte?

(CONTINUED)

CONDE

Sim, o que é que acontece?

MARIA

Não sei senhor, o que Deus quiser...

CONDE

Deus? E o que é que Deus quer?

MARIA

Que façamos o que ele quer...

CONDE

E quem te disse isso, Maria?

MARIA

A Bíblia...

CONDE

E quem a escreveu?

MARIA

Deus?

CONDE

Maria, sabes que existem e existiram dezenas, centenas, milhares de religiões?

MARIA

Não, senhor

CONDE

E tu acreditas nesta, porquê?

MARIA

Porque assim fui ensinada senhor

CONDE

Hum... assim foste ensinada... achas portanto que neste livro tenho a resposta para o que a mim me acontecerá depois de morrer?

MARIA

Acho que sim, senhor

CONDE

Muito bem...

O Conde olha folheia a Bíblia.

(CONTINUED)

CONDE  
Homens de barro, cobras que falam e  
gente com asas... RIDÍCULO!

Enraivecido o conde levanta-se e lança a Bíblia para as  
chamas da lareira que lentamente começam a queimar o livro.

O Conde olha em sua volta para os vários retratos pendurados  
na parede.

CONDE  
Onde é que vocês estão?! Onde?!

Maria fica aterrorizada com o que o Conde acaba de fazer,  
Miguel pára de tocar o piano abruptamente com o susto, ambos  
observam incrédulos a atitude do Conde.

O que aconteceria na eventualidade da sua morte? Este era o  
próximo passo que o Conde queria antecipar, nunca se  
permitira dar um passo em falso e não seria no último evento  
da sua vida que o daria.

MARIA  
Senhor...

CONDE  
Vai chamar o Manuel, diz-lhe que se  
apresse!

MARIA  
Sim senhor Conde

CONDE  
Vai

Maria sai da sala amedrontada e apressada.

Ao fundo da sala está Miguel, o músico que havia parado de  
tocar e continuava a olhar incrédulo para o Conde.

O Conde olha para ele e grita

CONDE  
Sai!

Miguel levanta-se do órgão e deixa a sala.

O Conde fecha a porta e dirige-se até à janela onde vê a lua  
cheia, sorri ao vê-la.

CONDE  
Cheia... cheia como nunca te vi...  
é hoje...

Batem à porta interrompendo assim o momento de divagação do Conde.

CONDE

Entre!

MANUEL entra na sala, é o caseiro e responsável por todos os outros criados do palácio, é um homem na casa dos 50 anos e veste-se modestamente em comparação com o Conde.

MANUEL

Mandou chamar, senhor Conde?

CONDE

Sim, mandei Manuel... entra

Manuel fecha a porta.

MANUEL

Em que posso ser útil senhor?

CONDE

Anda, senta-te...

O Conde senta-se na sua poltrona e convida Manuel a sentar-se na outra poltrona que está de frente para a lareira.

MANUEL

Obrigado senhor.

CONDE

Sabes Manuel... és o empregado.. ou até a pessoa em quem mais confio

MANUEL

Obrigado senhor

CONDE

Por alguma razão tens o cargo de coordenar todos os outros há tantos anos

MANUEL

Servi-lo é o meu dever e sempre fiz o melhor para o cumprir devidamente senhor

O Conde sorri.

CONDE

Eu sei Manuel, eu sei... e é por isso mesmo, e também pelo

(MORE)

(CONTINUED)

CONDE (cont'd)  
nascimento do teu neto que vou  
abrir uma garrafa de vinho de  
Carcavelos com 25 anos

Manuel fica muito surpreendido e desconfortável, sem saber como reagir, jamais o Conde havia sido tão intimista com ele.

MANUEL  
Mas... senhor...

CONDE  
Eu acho uma excelente ideia, e tu?

MANUEL  
Sim! Claro que sim! muito obrigado  
senhor

O Conde levanta-se e dirige-se até a um armário onde tem várias bebidas.

MANUEL  
Quer que eu sirva? Quer que abra?

Manuel levanta-se.

CONDE  
Deixa-te estar sentado! Hoje sou eu  
quem te vai servir!

O Conde pega na garrafa de vinho de Carcavelos, Manuel senta-se na poltrona e olha para a lareira, nela vê a Bíblia e fica assustado.

Ao fundo vemos o Conde servir os dois copos de vinho.

De um dos seus bolsos retira um pequeno frasco que contém um líquido, o Conde verte o líquido para um dos copos e dirige-se para a sua poltrona.

CONDE  
Aqui tens.

MANUEL  
Obrigado senhor

Manuel começa a beber o vinho

CONDE  
Bebe à vontade, temos uma garrafa  
só para nós

MANUEL

Meu deus... nunca tinha provado nada assim

CONDE

Tu mereces meu caro...

O Conde bebe o vinho de uma assentada.

CONDE

Sabes Manuel... nem todas as notícias são boas...

MANUEL

Como assim, senhor?

CONDE

Como sabes eu fui a Coimbra no mês passado

MANUEL

Sim, tratar dos negócios com os...

CONDE

Não Manuel, eu tenho ido a Coimbra porque padeço de uma grave doença, doença essa que me foi diagnosticada como terminal...

MANUEL

Não pode ser...

O Conde levanta-se

CONDE

É Manuel! é terminal! e tendo em conta que já passou um mês e tomando como certos os prognósticos dos mais reconhecidos médicos portugueses... tenho... tenho qualquer coisa como mais um mês de vida...

MANUEL

Mas isto são notícias terríveis... tem de haver uma solução... uma cura!

O Conde irrita-se

CONDE

NÃO! Não há cura!

O Conde contém-se e prossegue

(CONTINUED)

CONDE  
Quanto à solução... isso é uma  
conversa diferente...

O Conde anda em volta das poltronas

CONDE  
Como tu bem sabes eu expandi o  
império da minha família com muito  
trabalho... nunca dei um passo em  
falso, sempre caminhei pé-ante-pé,  
seguro das minhas acções e  
antecipando sempre a etapa seguinte

MANUEL  
Um exemplo senhor...

CONDE  
Sim... mas... a minha nova etapa é  
a morte, e falta muito pouco para  
saber o que me espera, mas como  
disse, nunca dei um passo em falso  
e não vai ser o meu último passo  
que será em falso...

MANUEL  
Como assim?

CONDE  
Li todos os livros religiosos e fui  
aos afamados melhores médiuns de  
Lisboa! Balelas! Os livros são  
piores que fábulas infantis e os  
médiuns uns charlatões de segunda!  
apanhei-os facilmente embrulhados  
nas suas próprias alucinações  
mentirosas!

Manuel olha para a Bíblia que está quase reduzida a cinzas  
na lareira, o Conde pára à sua frente cortando a vista para  
a lareira

CONDE  
Mas resta-me uma esperança...

O Conde senta-se

CONDE  
Um dos meus parceiros do Brasil, o  
Vasques Branco, havia-me falado há  
tempos de um evento que por aquelas  
terras acontecia... disse-me ele  
que por lá, os nativos realizam uma  
(MORE)

(CONTINUED)

CONDE (cont'd)  
cerimónia obscura e misteriosa...  
nessa cerimónia o shamã da tribo...

MANUEL  
Shamã?

CONDE  
Sim, o líder espiritual, uma espécie de padre... esse líder escolhe alguém da população, alguém especial, e oferece-lhe uma bebida extraída a partir de uma planta nativa, um privilégio divino! Esta bebida mata quem a toma, mas o que a torna especial é que durante 2 minutos o shamã tem a possibilidade de comunicar com o morto, que, apesar de estar morto fisicamente, consegue manter uma réstia de ligação entre o corpo e a alma...

MANUEL  
Incrível...

Manuel está assustado e incrédulo com as palavras do Conde.

CONDE  
É de facto incrível! Porque o Vasques Branco conseguiu de facto presenciar e comprovar o inacreditável!

Manuel está cada vez mais assustado e começa a deixar de ter controlo sobre tremores que começa a sentir.

CONDE  
Eu tinha que ter esta bebida dos deuses... ou do diabo! E paguei-lhe quinhentos mil reis para que ele a conseguisse! E ele conseguiu Manuel!

Manuel fica atterrorizado e começa a tremer, olha para o copo e deixa-o cair no chão.

MANUEL  
Não...

CONDE  
Sim, Manuel...

Manuel levanta-se enraivecido e lança-se direito ao Conde

MANUEL  
NÃO! ASSASSINO!

Manuel sente uma paralisia e cai na poltrona, entra em convulsão e morre.

O seu corpo fica imóvel, sem expressão, sem vida...

Calmamente, satisfeito mas algo receoso de que a experiência seja um fracasso, o Conde pergunta ao cadáver.

CONDE  
Onde estás?

O cadáver continua imóvel e sem resposta.

Com a mesma atitude mas com alguma raiva o Conde volta a perguntar

CONDE  
Onde estás?!

Como se reanimado por um poder do outro mundo, os olhos de Manuel movem-se mantendo no entanto a sua expressão vazia, a boca começa lentamente a abrir, e Manuel começa a falar claramente para espanto do Conde

MANUEL  
Estou num túnel... está escuro... e nada consigo ver...

Manuel pára.

CONDE  
Continua

MANUEL  
Estou sozinho, as realidades que conhecia não mais existem, sinto frio, tudo à minha volta emana uma energia negativa, as paredes parecem ser formadas por gritos melancólicos desesperados de espíritos invisíveis... estou à espera... à espera de algo, esta necessidade de esperar é inata, não a posso contrariar e uma força superior obriga-me a esperar

Manuel pára novamente.

CONDE

Estás à espera de quê?

MANUEL

Não sei... só sei que tenho de esperar e que nada mais posso fazer

O seu tom de voz altera-se ligeiramente.

MANUEL

O túnel à minha volta altera-se, as paredes parecem desaparecer... tudo é plano e sinto o infinito, um infinito desolador e melancólico tal como o túnel, quanto tempo terei eu de esperar?

Manuel fica em silêncio novamente e o Conde fica inquieto com o passar do tempo, preocupado que o processo passe, o Conde prepara-se para fazer uma nova pergunta mas a sua intenção é interrompida por uma reação de Manuel.

Repentinamente os olhos de Manuel ganham vida e a sua face alguma expressão, uma expressão de completo pavor, o medo e o terror tomam posse de si.

MANUEL

Há algo que se dirige para mim! Uma besta terrível, demasiado inadequada para que palavras a possam descrever! continua a aproximar-se de mim e o pior é que a ela não a vislumbro, não a vejo mas sei que a mim me vê! sinto-a e este sentimento é pior que qualquer visão que possa imaginar! meu Deus! o ódio e a maldade, tudo o que de mau existe é a sua essência, e ainda assim, não me consigo mexer!

O Conde está assustado com a descrição de Manuel.

A expressão de Manuel altera-se, e de pavor passa para a anterior expressão inanimada.

MANUEL

Já não sinto medo...

CONDE

Porquê?

O Conde fica inquieto e impaciente com a passagem do tempo

(CONTINUED)

CONDE

Porquê?!

MANUEL

Porque... Porque sei e sinto que não me é uma ameaça, eu sei que espera a meu lado pelo mesmo que eu

CONDE

O que é que está a fazer?

MANUEL

Está a meu lado e espera comigo, juntos...

O Conde fica confuso, Manuel continua.

MANUEL

Uma nova entidade da mesma terrível natureza aproxima-se, junta-se a nós... os três esperamos... uma... uma aura emana destas criaturas, uma aura terrível... sinto mais e mais criaturas a meu lado, colocam-se a meu lado como se de um exército de horror e morte se tratasse...

O Conde fica irritado e cada vez mais impaciente enquanto vê a expressão de Manuel e a sua ligação ao mundo dos vivos esvanecer-se rapidamente.

O Conde começa a perder o controlo e grita irritado

CONDE

Pensa! Responde! Estás à espera de quê?!

MANUEL

Não sei... não sei...

CONDE

ESTÁS À ESPERA DE QUÊ?!

Manuel desperta e os seus olhos parecem ganhar vida como se a resposta estivesse diante de si.

MANUEL

Sei... sim... agora sim... consigo ver a resposta...

Manuel fica novamente em silêncio.

(CONTINUED)

O Conde no pico da sua raiva e desespero agarra em Manuel pelos colarinhos e levanta-o da poltrona.

CONDE

Responde-me! eu ordeno-te que me  
respondas! estás à espera de quê?!

Manuel começa a ganhar vida e levanta a cabeça lentamente.

MANUEL

Estamos à espera...

Manuel pega num punhal que trazia na cinta e olha o  
assustado Conde nos olhos

MANUEL

Estamos à sua espera

Manuel apunhala o Conde na barriga e cai inanimado e  
definitivamente morto no chão.

O Conde fica imóvel, olha para o golpe fatal provocado pelo  
punhal e cai de joelhos no chão.

FIM